

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)
e outras arquiteturas

ORGANIZAÇÃO

Luciana Saboia
Ana Elisabete Medeiros
Paola Ferrari

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

PROJETO, ENSINO E ESPAÇO UNIVERSITÁRIO:

O Instituto Central de Ciências (ICC-UnB)

e outras arquiteturas

EDITORA



UnB

Coordenação de produção editorial

Revisão

Diagramação

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo

Mariana Donner

Mônica Luce Bohrer

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar

Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF

CEP: 70910-900

Site: www.editora.unb.br

E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser
armazenada ou reproduzida por qualquer meio
sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

P964

Projeto, ensino e espaço universitário [recursos
eletrônico] : o Instituto Central de Ciências
(ICC - UnB) e outras arquiteturas /
organizadoras, Luciana Saboia, Ana Elisabete
Medeiros, Paola Ferrari. – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2023.
293 p.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-092-3.

1. Universidade de Brasília. Instituto Central
de Ciências. 2. Arquitetura. 3. Campi
universitários. I. Saboia, Luciana (org.). II.
Medeiros, Ana Elisabete (org.). III. Ferrari,
Paola (org.).

CDU 727:378.4

Sumário

Apresentação | *Luciana Saboia Fonseca Cruz e Ana Elisabete de Almeida Medeiros* 7

PARTE 1 | Projeto e Ensino: a universidade de Brasília e outras arquiteturas no Brasil

1. Da gênese e magnitude da praça | *Matheus Gorovitz, Maria Cláudia Candeia de Souza* 18
2. Grelha modular na ilha artificial: O projeto da Cidade Universitária no Rio de Janeiro e o ensino de arquitetura | *Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu* 34
3. O Campus Joaquim Amazonas da UFPE: criação, consolidação, desafios atuais e perspectivas | *Fernando Diniz Moreira* 44
4. A Faculdade de Arquitetura da UFRGS, o ensino e a Arquitetura Moderna Brasileira no Sul (1940/1960) | *Sérgio Moacir Marques* 62
5. Da megaestrutura à estrutura mínima: o sistema básico da Universidade Federal de Minas Gerais | *Carlos Alberto Batista Maciel* 84

ICC | Caderno de imagens 95

PARTE 2 | O Instituto Central de Ciências: projeto, construção e vivência

6. O instituto de Niemeyer | *Andrey Rosenthal Schlee* 152
7. Planos e projetos do Instituto Central de Ciências, 1963/2013 | *Cláudio Oliveira Arantes* 184
8. A complexidade da síntese | *Elcio Gomes da Silva, Juliano Caldas de Vasconcellos e José Manoel Morales Sánchez* 202
9. Projeto e questões ambientais: percorrendo o Instituto Central de Ciências | *Cláudia Naves D. Amorim, Caio Frederico e Silva e Guilherme D. Sales* 222
10. O ICC como espaço museológico | *Reinaldo Guedes Machado* 240
11. Berçário de inovação e integração de saberes | *Frederico Flósculo Pinheiro Barreto* 252

CONSIDERAÇÕES FINAIS | Projeto e memória: (re)configurações do ICC

12. O Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília: pedagogia e megaestrutura | *Paola Caliani Ferrari Martins* 266

Índice remissivo 279



O Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília:

pedagogia e megaestrutura

PAOLA CALIARI FERRARI MARTINS

A universidade é um organismo vivo. A afirmação representa a síntese para a articulação entre o espaço universitário e pedagogia. Remete às contínuas reformas pelas quais a universidade atravessou ao longo de sua trajetória, iniciada no século XIII¹. Christophe Charle e Jacques Verger (1996, p. 9) afirmam que “cada época precisou resolver o dilema renovado da preservação do saber passado e da integração da inovação, da avaliação das competências e da mudança dos critérios de apreciação”. Dadas as premissas, acredita-se que a dinamicidade de mudança nas instituições de ensino superior precisa estar associada ao espaço² arquitetônico, ambiente físico que expressa estas transformações.

As reformas são decorrentes de conjuntura sociopolítica, econômica e pedagógica. Expressam novos critérios de representação de seus ideais, funções e, por conseguinte, espaço. O alinhamento entre o campo da arquitetura e do urbanismo e as transformações nas demais esferas da universidade foi defendido por Edgar Graeff³ (1984, p. 88). Na opinião de Graeff, é preciso articular “os vínculos entre as atividades fins da Universidade e os espaços que as devem abrigar [...]”, de modo que o espaço seja reflexo das ideias da universidade e ainda haver “interação entre os sistemas e métodos didático-pedagógicos e as características das estruturas espaciais das Universidades [...]”. O autor reforça a relação entre as reformas universitárias e a necessidade de compatibilizar estas transformações ao espaço que as abriga.

A afirmação de Graeff ressalta a relevância em articular as diferentes dimensões da universidade, incluindo a arquitetônica. Entretanto, ainda

segundo o autor, a Universidade brasileira⁴ não considera essa relação. A constatação e as contínuas transformações às quais a universidade atravessa, através de reformas, serviram de ancoragem a discussões acerca do espaço arquitetônico das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) brasileiras. Dentre estas, destaca-se debate ocorrido em novembro de 1981, na cidade de Brasília, no âmbito do Seminário de Conceituação de Campus Universitário⁵. Relacionam-se ao campus⁶, formato hegemônico de território universitário em âmbito mundial, especialmente após a década de 1950 (MUTHESIUS, 2000, p. 48). Como proferiu o professor da Universidade de Coimbra, Boaventura Santos (2011, p. 50), “a universidade é uma entidade com forte componente territorial bem evidente no conceito de campus”, o que reafirma a predominância desse tipo de configuração.

O objetivo principal do seminário foi propor novas diretrizes de projeto para o planejamento físico do campus universitário brasileiro, condizentes com as atividades de ensino, pesquisa e extensão propostas pela Reforma Universitária instituída no Brasil em 1968. Ao final, o debate identificou problemas na configuração arquitetônica de campi e pontos de mudança necessários em sua estrutura organizacional. Dentre estes, os participantes destacaram a necessidade de reavaliar o modelo americano de território universitário. Instituído no século XIX, a partir das ideias de Thomas Jefferson para a Universidade de Virgínia, em um contexto de modernização do ensino superior americano, o campus foi conformado por composição clássica axial e extenso vazio central. O debate sugeriu analisar permanências e rupturas em termos de composição e forma espacial a fim de buscar novas representações.

É evidente, portanto, a necessidade de entender as relações entre a universidade e a arquitetura de edifícios que a conformam, no contexto do campus universitário. Identificar possíveis reconfigurações do formato, no campo da arquitetura e do urbanismo, enquanto reflexo das organizações institucionais em seus diferentes períodos de reforma. A conjuntura de reforma universitária no século XXI, foi destacada por Boaventura Santos (2008) em Congresso realizado na cidade de Brasília, no ano de 2004, no âmbito do Calendário Oficial de Debates sobre a Reforma Universitária do Ministério da Educação do Brasil, quando este afirmou que a universidade se encontra fragilizada, em crise, e enfrenta desafios frente às transformações na produção de conhecimento.

As tensões apontadas por Santos referem-se a três esferas. O autor acredita que há uma crise hegemônica – decorrente da transformação do conhecimento de universitário para pluriversitário; transdisciplinar, baseada nas novas tecnologias da informação e comunicação; de legitimidade – resultado da hierarquização dos saberes e de questões sociais e políticas da democratização da universidade; institucional – relacionada à perda da autonomia universitária e liberdade acadêmica. Ainda na opinião de Santos, estas foram potencializadas pela falta de investimentos por parte do Estado e consequente processo de mercadorização nacional e transnacional (SANTOS, 1989, 2008). As declarações de Boaventura motivam a discussão sobre as transformações nos métodos de ensino-aprendizagem e seus reflexos no espaço arquitetônico das IFES brasileiras.

A latente crise revelada por Santos se associa a uma segunda questão: a falta de articulação entre as IFES e destas com instituições federais. O fato foi tratado pelo professor da Universidade de Brasília, Jaime Almeida (2017), no artigo “Território das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras (IFES): uma reflexão sobre o planejamento de campus e suas práticas na década de 70 [sic] e atual”. De acordo com o autor, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) aboliu o sistema que coordenava, em nível nacional, o planejamento físico-espacial das IFES⁷. A decisão foi tomada durante o período de redemocratização do país, a partir de 1985. Resultou em “um processo de projeto voltado às unidades prediais exclusivas, ou melhor, edificações monofuncionais”, direcionadas a “soluções pontuais” (ALMEIDA, 2017). Estas desconsideram o planejamento do território universitário de forma integral e contribuem para a desintegração acadêmica.

As crises abordadas por Santos e Almeida estão associadas à solução arquitetônica originada na década de 1960. Para o primeiro, as três crises surgiram a partir de “multiplicidade de funções” atribuídas à universidade, quando adquiriu maior ênfase o ensino “utilitário e produtivista” com vistas ao ensino, pesquisa e extensão em contraposição à dimensão intelectual tradicional (SANTOS, 1989, p. 13). Segundo o autor Stefan Muthesius (2000), a década trouxe novos desafios à estruturação do campus. Denominada “*multiversity*” por Clark Kerr (1963), foi caracterizada por contexto de modernização, atendimento às massas, democratização do ensino e maior complexidade, dada a profusão de cursos. O contexto

resultou na experimentação de nova concepção espacial, advinda de conceitos relacionados ao pensamento arquitetônico e urbanístico discutidos à época. Foi classificado pelo arquiteto holandês Jaap Bakema como *big building* (SMITHSON, 1975, p. 680) e posteriormente denominado megaestrutura.

A megaestrutura, enquanto tipologia adotada no partido arquitetônico na principal edificação da Universidade de Brasília - O Instituto Central de Ciências, representou potencial solução aos desafios impostos ao projeto de campus naquela década de 1960. No âmbito do ensino superior, preconizava atender aos requisitos de crescimento e mudança advindos da modernização da universidade. Na publicação em que trata de “formas coletivas”, o japonês Fumijiko Maki (1964) a classificou como grande estrutura, multifuncional, composta por módulos fixos e transitórios, que apresentam flexibilidade e capacidade de extensão. Atribui a viabilidade técnica da estrutura à tecnologia disponível. No primeiro artigo de sua publicação, escrita em parceria com Masato Ohtaka, Maki lança o termo megaestrutura e determina o projeto precursor da forma.

Maki e Ohtaka apontam para Kenzo Tange e o projeto desenvolvido em colaboração com seus alunos do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) para unidades residenciais na Baía de Boston como exemplares de megaestrutura. O projeto foi desenvolvido em 1959. Consiste em duas extensas edificações lineares, dispostas em curva, de modo a conformar um espaço central aberto. A construção, em “A”, criou um espaço interno que permitiu abrigar outros usos, como equipamentos de serviço, esportivo, jardim de infância, comércio, escritórios e lazer, em diferentes níveis. O edifício é integrado ao sistema de transportes local. Articula moradia, trabalho, lazer e transporte. Representava a leitura de Tange para a habitação em massa. A proposta foi paradigmática e contribuiu para disseminar o conceito de megaestrutura.

A forma pode ser abordada ainda no âmbito das utopias elaboradas a partir da década de 1950. As iniciativas envolveram grupos pós-CIAM, tais como Team 10, os metabolistas japoneses, o Archigram, o francês Yona Friedman, o holandês Jaap Bakema, entre outros. As discussões foram impulsionadas pelo aumento da população e forte crescimento das cidades após a Segunda Guerra Mundial. Era preciso pensar em soluções para a habitação em massa. Os grupos defendiam, de modo geral, ênfase no coletivo e na associação de

formas como concepção de projeto para proporcionar a coletividade. Alguns apoiados no aspecto social, como o Team 10, ou na tecnologia, como os metabolistas, ou ainda com forte utopia futurista, como o Archigram. Propunham estruturas coletivas em espaços interconectados, caracterizados por novos padrões de associação, com possibilidades de crescimento e mudança.

A composição da megaestrutura, linear, constitui justaposição ou aglutinação de unidades menores, o que permite classificá-la como um sistema⁸. Desse ponto de vista, poderia representar ruptura com a leitura arquitetônica do campus como uma coleção de “objetos clássicos simétricos” e “objetos modernos isolados”, conforme afirmou Josep Maria Montaner (2009, p. 18), em favor de “sistemas abertos e complexos”, baseados em “formas dinâmicas, criadas enquanto processo”, que não pretendem ser definitivas. Portanto, o tipo possui potencial para propiciar a necessária interação entre a comunidade acadêmica então constituída pela multiversidade, além da flexibilidade para a modernização das universidades.

É sabido que a solução foi amplamente adotada nas instituições de ensino superior, especialmente na Inglaterra e Alemanha, na década de 1960. O período foi marcado pela modernização e forte expansão das universidades. Era preciso romper com as estruturas organizacionais e pedagógicas rígidas voltadas para a elite. Dessa forma, a estrutura “*one-building*” (MUTHESIUS, 2000, p. 138), representou uma mudança de pensamento em favor de espaços sociais para consolidar a constituição de uma comunidade acadêmica. Um projeto pioneiro na composição por sistemas é o de Georges Candilis, Alexis Josic e Shadrach Woods para a Universidade Livre de Berlim (1963), na Alemanha.

A Inglaterra também contou com propostas desse tipo. Destacam-se a Universidade de East Anglia (1963), de Denys Lasdun; o projeto para a Universidade de Essex (1966), de Kenneth Capon; e a Universidade de Lancaster (1963), de Gabriel Epstein. Além destas, a Universidade de Bath (1965) e a Universidade de Stirling (1967), de Robert Matthew, Johnson-Marshall e equipe. Na Alemanha, com semelhante espírito, houve as experiências da Universidade de Konstanz (1968), por Wencelslaus von Mann, Wilhelm von Wolff e outros. Relevante citar ainda a experiência da Universidade de Bielefeld de 1970, proposta por H. Herzog, Klaus Kopke, Peter Kulka, Wolf Siepmann e outros.

As propostas apresentadas estão conectadas em alguns aspectos. Propunham uma composição em sistema, com aglutinação de edificações com diferentes funções em uma única estrutura ou em pequenas unidades. Embora as experiências careçam de uma análise crítica sobre a eficiência de suas estruturas para os ideais pretendidos, seus aspectos formais e espaciais evidenciam as potencialidades e os impactos da inserção da megaestrutura no campus. Para além dos casos citados, a literatura revela pesquisas recentes que utilizam o termo “contemporaneidade” para abordar o tipo.⁹ Têm o propósito de resgatar seu conceito, defender o seu potencial de inserção no discurso contemporâneo urbano.

A narrativa provoca articulação com um caso paradigmático no âmbito das universidades brasileiras. Trata-se do ICC. Sua história e concepção formal podem contribuir sobremaneira com as questões atuais acerca dos espaços universitários. Caracterizada como megaestrutura linear, a principal edificação do Campus Universitário Darcy Ribeiro – um dos primeiros campi a ser constituído no Brasil¹⁰ – integra a história da Universidade de Brasília que, por sua vez, funde-se à criação da Nova Capital do país, Brasília. Os percursos pelos quais a edificação atravessou, seja na etapa do projeto arquitetônico, construção ou ocupação, a caracteriza como uma experiência que reforça a possível relação entre a megaestrutura, estrutura organizacional e pedagógica.

Sabe-se que o ICC foi projetado em 1962 pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe a partir de intervenção no plano diretor do urbanista Lucio Costa para o campus da universidade. As decisões de projeto dos autores estavam ancoradas no ideário dos fundadores da universidade, o pedagogo Anísio Teixeira e o antropólogo Darcy Ribeiro, de torná-la um núcleo integrador do país, de acordo com Ribeiro, como meio de proporcionar maior desenvolvimento da nação. Propunham, para isso, um modelo organizacional baseado nas universidades americanas, a macroestrutura tripartida. Trata-se de uma estrutura dividida em três pilares: Institutos Centrais para o ensino do saber fundamental; faculdades dedicadas à pesquisa e ao ensino nas áreas das ciências aplicadas e das técnicas; órgãos complementares, de prestação de serviço à cidade. Almejavam oferecer ensino, pesquisa e extensão.

A intervenção de Niemeyer propõe uma estrutura única que agrupava quatro Institutos Centrais presentes no plano de Costa. A diretriz a consagra

como expressão de um momento simbólico para a história da universidade brasileira e, ao mesmo tempo, como edifício que pode responder às contínuas transformações do espaço universitário.

As diretrizes propostas inicialmente para a UnB não foram integralmente implementadas. O propósito dos idealizadores foi marcado por “descaminhos”, para citar termo utilizado por Ribeiro (1978), em função do governo ditatorial que ocupou a UnB entre 1964 e 1985. Ribeiro (1978, p. 130) afirmou que as “[...] formas ignaras de conduta [...] a descaracterizaram e desnaturaram”, resultando na interrupção de alguns projetos. Ainda assim, a UnB foi consolidada como instituição de ensino superior e seu modelo organizacional serviu, entre outros, como referência para a instituição da Reforma Universitária de 1968.

No aspecto arquitetônico, o ICC pode ter contribuído para a consolidação do modelo preconizado por Teixeira e Ribeiro, no início da década de 1960, apesar da incompletude na implementação do ideário inicial. O edifício, projetado originalmente para abrigar os Institutos Centrais, faculdades e laboratórios, precisou se adaptar a um novo programa. Os acontecimentos que marcaram a tomada de poder pelos militares na UnB, em 1964, levaram a transformações no planejamento do campus, método didático pedagógico e ocupação dos seus espaços internos.

Alguns fatos marcaram o período de ocupação militar. Destaca-se a demissão coletiva de mais de duzentos professores em 1964 como um ato de solidariedade à expulsão de quinze professores e a interrupção no processo de ensino-aprendizagem nos moldes estabelecidos pelo seu Plano Orientador. Diante do período de controle militar, a arquitetura do ICC é colocada à prova de seu programa arquitetônico e funcionalidade. A cronologia da construção e apropriação de seus espaços ao longo dos anos, à medida da execução e gradual ocupação, revela a vocação imanente à sua especialidade.

As obras iniciaram em 1963, pela ala sul. Em 1966, foram paralisadas e retomadas em 1969 no âmbito de um novo planejamento do campus desenvolvido pelo Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN). No ano de 1971 foram definitivamente interrompidas. A ocupação acompanhou o processo de construção. Foi iniciada em 1967, pela ala sul, em fatias no sentido longitudinal, e não transversal como previsto. O programa inicial, estabelecido por Niemeyer, foi pensado para abrigar quatro Institutos Centrais.

Posteriormente, em 1966, o plano geral de ocupação do ICC, desenvolvido pelo CEPLAN, propôs instalar, além dos quatro Institutos Centrais, três faculdades. Em 1980, segundo o “Plano de Reorganização do Espaço Físico” do ICC de Adilson Costa Macedo, havia no edifício cinco Institutos, dezenove Departamentos e três Faculdades, além da comissão Permanente de Vestibular (COPEVE), da central telefônica e do Centro de Processamento de Dados. As décadas seguintes foram de continuidade da expansão da universidade e transformações estruturais e pedagógicas nos cursos.

O levantamento de ocupação feito pelo CEPLAN no ICC em 2006 aponta para nova configuração dos cursos. Houve a junção de departamentos em faculdades e/ou institutos e a saída do departamento de direito e da faculdade de ciências da saúde do edifício, para ocuparem prédios autônomos no campus¹¹. Com isso, as áreas livres foram preenchidas pelo centro de seleção e promoção de eventos (CESPE), pelo centro de processamento de dados (CPD), pela prefeitura do campus (PCR) e pelas secretarias da administração geral e acadêmica. No levantamento cadastral de 2018, realizado pelo CEPLAN, constatou-se a saída do Instituto de Química para um edifício próprio. Com a liberação da área, ocorreu forte ocupação por departamentos, secretarias da administração geral e acadêmica, além de centros de estudos, prefeitura do campus e rádio comunitária.

A dinâmica de entrada e saída de cursos, na medida da construção de novas edificações no campus, reforça a flexibilidade de sua estrutura. A modulação dos pilares e a planta livre possibilita liberdade de composição dos espaços internos, ampliação e redução dos cursos, portanto crescimento e mudança. Além desta, destaca-se o caráter social.

No interior da edificação, os espaços públicos provocam forte interação acadêmica. A circulação interna longitudinal atravessa o edifício, são como “calçadas urbanas”, como afirmou Maria Alice Bastos e Ruth Zein (2010, p. 90). Os dois halls de entrada transversais são espaços sociais, que promovem o encontro, a troca, e, em última instância, o conhecimento. Em alusão a Contreras no Seminário de Conceituação de Campus Universitário, a formação profissional do estudante universitário não está relacionada estritamente ao aprendizado técnico resultante do método de ensino-aprendizagem tradicional, mas também à sua formação intelectual, derivada das relações sociais que constrói na comunidade acadêmica, com confronto de

ideias, amplo diálogo (CONTRERAS, 1984, p. 111) e discussões acerca dos problemas da sociedade.

Nesse sentido de formação social, o ICC configura o seu lugar. A centralidade de sua implantação, suas dimensões, a diversidade de cursos que concentra em sua estrutura, o comércio de que dispõe, a espacialidade bucólica que promove em seus amplos halls de acesso e nos espaços públicos internos, permeados por jardins e agraciados por iluminação natural, conformam um espaço agregador. Para além disso, conforme reflexão de Eugenio Contreras (1984, p. 110), o Minhocão - como espaço de ensino, pesquisa e extensão - responde à necessidade de espacializar “um permanente processo de mudança” inerente à vida universitária.

NOTAS

¹ Conforme afirmou Charle e Verger (1996, p. 57) na publicação *História das Universidades*, “a universidade sempre pareceu estar à espera de uma nova reforma”. Uma vez que sua organização está articulada a um “contexto geral da civilização”, a “realidade sociocultural” reflete uma “realidade pedagógica”, seguindo a leitura de Aldo Janotti (1992, p. 108).

² Atribuiu-se, na pesquisa, o sentido de espaço determinado por Bruno Zevi (1996), em sua obra “Saber ver a Arquitetura” (1996). Na leitura do autor, o espaço é o protagonista da arquitetura, é “a realidade em que se concretiza a arquitetura”. Zevi conceitua esse espaço como qualquer obra em que o homem tenha “limitado ‘vazios’, isto é, tenha criado espaços fechados”, sejam eles interiores de edifícios ou o “espaço urbanístico” – descrito como “tudo o que é visualmente limitado por cortinas, quer sejam muros, fileiras de árvores ou cenários”.

³ As citações de Edgar Graeff constam em “Campus Universitário: textos”. A publicação reúne textos extraídos dos anais do Seminário de Conceituação de Campus Universitário, ocorrido na cidade de Brasília, em 1981.

⁴ O texto se refere às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

⁵ O seminário foi organizado pelo extinto Programa de Expansão e Melhoramentos das Instalações do Ensino Superior (PREMESU), vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC). Os anais constam na publicação: MALTA, M. (ED.). **Campus universitário: textos**. 1. ed. Brasília: MEC, 1984.

⁶ De acordo com o autor Paul Venable Turner (1987), o termo campus substituiu, após a Revolução Americana, século XVIII, a palavra “*yard*” ou “*ground*”, utilizado em referência ao espaço físico do New Jersey College, posteriormente denominada Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Corresponde a um latinismo, provavelmente em alusão à área pública denominada *Campus Martius* da Roma Antiga.

⁷ O governo brasileiro criou, em 1974, o Programa de Expansão e Melhoramento das Instalações do Ensino Superior (PREMESU) em substituição ao Plano de Melhoramento e Expansão Superior (CEPES). Seus objetivos eram, entre outros: “gerir e coordenar projetos específicos, na área do ensino superior, relativamente à expansão e equipamento dos ‘campi’ universitários; promover ou realizar levantamentos, estudos e pesquisas destinadas à avaliação e atualização do planejamento físico universitário” (MÉDICI; PASSARINHO, 1974). De acordo com Almeida, no início dos anos 1980, este programa foi substituído pelo Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico (CEDATE), extinto logo depois de sua criação.

⁸ Para Montaner (2009, p. 11), “sistema é um conjunto de elementos heterogêneos (materiais ou não), em distintas escalas, relacionados entre si, com uma organização interna que tenta estrategicamente adaptar-se à complexidade do contexto, constituindo um todo que não é explicável pela mera soma de suas partes. Cada parte do sistema está em função de outra; não há elementos isolados. Dentro dos diversos sistemas que se podem estabelecer, a arquitetura e o urbanismo são sistemas do tipo funcional, espacial, construtivo, formal e simbólico”.

⁹ Trata-se das pesquisas: ROUILLARD, D. **Superarchitecture: le futur de l’architecture 1950 - 1970**. Paris: Ed. de la Villette, 2004; VAN ROOYEN, X. **Megaform versus Open Structure or the Legacy of Megastructure**. *Histories of Postwar Architecture*; Nº 3 (2018): *Megastructures*, n. 3, p. 30-49, 2018; CABRAL, C. P. C. **De volta ao futuro: revendo as megaestruturas**. *Arquitextos/Vitruvius*, v. ano 07, n. 082.07, 2007.

¹⁰ Segundo Almeida (2017).

¹¹ Como foi o caso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, resultado da fusão entre o Departamento de Arquitetura, o Departamento de Urbanismo e o Instituto de Arquitetura e Urbanismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. G. DE. Território das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras (IFES): uma reflexão sobre o planejamento de campus e suas práticas na década de 70 e atual. **Paranoá - cadernos de arquitetura e urbanismo**, n. 19, 2017.
- BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil, arquiteturas após 1950**. São Paulo, SP, Brasil: Perspectiva, 2010.
- CABRAL, C. P. C. De volta ao futuro: revendo as megaestruturas. **Arquitextos/Vitruvius**, v. ano 07, n. 082.07, 2007.
- CHARLE, C.; VERGER, J. **História das Universidades**. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo: Unesp, 1996.
- CONTRERAS, E. G. C. Organização Espacial e Educação: o Caso Universitário. In: **Campus universitário: textos**. 1. ed. Brasília: MEC, 1984.
- GRAEFF, E. A. Anotações sobre Espaço-Tempo na Universidade Brasileira. In: **Campus universitário: textos**. 1. ed. Brasília: MEC, 1984.
- JANOTTI, A. **Origens da universidade a singularidade do caso português**. São Paulo: Edusp, 1992.
- KERR, C. **The uses of the university**. 1. ed. Massachusetts: Harvard University Press, 1963.
- MAKI, F. **Investigations in Collective Form**. 1. ed. Washington: Washington University School of Architecture, 1964.
- MALTA, M. (ED.). **Campus universitário: textos**. 1. ed. Brasília: MEC, 1984.
- MÉDICI, E. G.; PASSARINHO, J. G. DECRETO Nº 73.857, DE 14 DE MARÇO DE 1974. 14 mar. 1974, Sec. 1, p. 2893.
- MONTANER, J. M. **Sistemas arquitetônicos contemporâneos**. Barcelona: Gili, 2009.
- MUTHESIUS, S. **The Postwar University: Utopianist Campus and College**. London: Yale University Press, 2000.
- RIBEIRO, D. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir editora, 1978. v. 3.
- ROUILLARD, D. **Superarchitecture: le futur de l'architecture 1950 - 1970**. Paris: Ed. de la Villette, 2004.
- SANTOS, B. DE S. Da ideia de Universidade à Universidade de ideias. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 27/28, p. 11–62, jun. 1989.
- SANTOS, B. DE S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3. ed. São Paulo (SP): Cortez Editora: Editora Autores Associados, 2011. v. 11.
- SMITHSON, A. Team 10 at Royaumont, 1962. **Architectural Design**, v. XLV, n. 11/1975, p. 75, nov. 1975.
- TURNER, P. V. **Campus: an American planning tradition**. New York : Cambridge, Mass: Architectural History Foundation ; MIT Press, 1987.
- VAN ROOYEN, X. Megaform versus Open Structure or the Legacy of Megastructure. **Histories of Postwar Architecture; No 3 (2018): Megastructures**, n. 3, p. 30–49, 2018.
- ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



Índice remissivo

- Arquitetura moderna 11, 12, 15, 21, 39, 49, 55, 64-66, 68-80, 82, 83, 157, 161, 163, 179, 210
- Biblioteca 29, 31, 32, 42, 43, 54, 60, 70, 82, 164, 167-169, 176, 177, 199, 246-249, 258, 263
- Campus universitário 9, 14, 40, 41, 48-50, 53, 55, 162, 235, 246, 255, 257, 260, 270, 274, 276, 278
- contexto urbano 229
- eixo 9, 10, 15, 25, 26, 31, 47, 50, 52, 55, 60, 61, 157, 162, 164, 168, 170, 177, 260-262
- ensino 912, 15, 29, 38-44, 54, 56, 57, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 91, 163, 165, 166, 170, 180, 195, 227, 229, 244, 245, 250, 251, 258, 269-278
- espaço universitário 9, 10, 15, 87, 179, 269, 275
- faculdade de arquitetura 12, 41, 43, 53, 65, 67, 69, 72, 73, 76, 77, 81-83, 160, 181, 187, 196, 198, 201, 203, 244, 261, 278
- ICC (Instituto Central de Ciências) 9-15, 33, 88, 89, 155, 167, 169-174, 177-183, 187, 188, 191-195, 197, 202, 209-213, 215-217, 219, 225-239, 244, 246, 248, 249, 253, 257-262, 274-277
- infraestrutura 11-13, 53, 56, 57, 62, 82, 89, 90, 188, 190, 197, 198, 199, 261
- inovação 14, 16, 40, 44, 59, 68, 80, 190, 217, 239, 256, 256, 259, 261, 269
- Lucio Costa 9, 10, 16, 21-23, 29, 30-33, 51, 78-80, 157, 158, 161-165, 167, 170, 178, 207, 218, 227, 229, 249, 258, 259, 262, 263, 274
- megaestrutura 9, 10, 12, 15, 88, 92, 93, 272-274
- mobilidade 57, 58, 61
- modernidade 10, 11, 16, 72, 179
- Oscar Niemeyer 9, 10, 13, 14, 21, 67, 79-81, 87, 88, 155, 157-159, 161, 165, 167-171, 173-182, 187, 205, 209, 218, 220, 226, 2227, 232, 236, 238, 243, 244, 248, 256, 258, 259, 274, 275

paisagem 10, 13, 23, 29, 31, 32, 58, 59, 78, 93, 156, 157, 209, 225, 226, 229, 232, 238

patrimônio 66, 69, 70, 77, 78, 82, 83, 159, 258

Plano Diretor 14, 55, 58, 61, 62, 82, 218, 235, 256, 257, 260, 274

Praça Maior | Praça Magna 10, 14, 22, 23, 29-33, 163, 164, 167-169, 174, 176-178, 190, 244, 246, 248, 251, 263

processo histórico 22, 27, 72

projeto arquitetônico 247, 274

Reitoria 31, 32, 43, 50, 52, 54, 55, 58, 69, 71, 81, 88, 164, 167, 168, 176, 177, 199, 246, 247, 261

sistema construtivo 70, 90-93, 181, 209

sistema estrutural 89, 219

Crédito das figuras

ACERVOS:

CEPLAN

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

ICC: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Capítulo 7: 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10

Capítulo 8: 7

Arquivo Público do Distrito Federal

ICC: 26, 37, 38, 39

Capítulo 8: 2, 3, 4, 5

Arquivo Central da Universidade de Brasília

Capa, 1 (antes da apresentação), 2 (após a apresentação), 3 (após o último capítulo)

ICC: 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40

Capítulo 8: 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19

Wikimedia Commons

Capítulo 1: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Acervo pessoal de Matheus Gorovitz

Capítulo 1: 28

Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ

Capítulo 2: 1, 2, 3, 4

Acervo UFPE

Capítulo 3: 2, 4

IPHAN – PE

Capítulo 3: 3

Plano Diretor Físico – UFPE

Capítulo 3: 5, 10

Acervo Memorial Denis Bernardes – UFPE

Capítulo 3: 6, 7

Acervo FAM/PROPAR/UFRGS

Capítulo 4: 1, 2, 3, **5a**, **5b**, 12, 13, 14, 15, 8b

Acervo digital do Setor de Patrimônio Histórico – SUINFRA/UFRGS

Capítulo 4: 4, 6, 7, **8a**, 9, 10, 11

Acervo PVC/FA/UFRGS

Capítulo 4: 16

Acervo UFMG

Capítulo 5: 1, 4, 5, 6, 10, 11, 12

Prefeitura do Campus

Capítulo 9: 9

Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro (1998) - UnB

Capítulo 11: 1, 2

Google Earth

Capítulo 11: 3

FOTOGRAFIA:

Randal Andrade

ICC: 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Paulo Honorato (ilustração)

Capítulo 1: 1, 2, 17, 18, 23, 24, 25, 26

Maria Cláudia Candeia de Souza

Capítulo 1: 20, 21, 22, 27

Diogo Barretto

Capítulo 3: 8

Lucas Jordano

Capítulo 3: 9

Irineu Breitman

Capítulo 4: 3

Sérgio M. Marques

Capítulo 4: 8b

Carlos Alberto Batista Maciel

Capítulo 5: 2, 3, 7, 8, 9

Junia Mortimer

Capítulo 5: 12

Paola Ferrari

ICC: 1, 2, 3

Elcio Gomes da Silva

Capítulo 8: 1

Juliano Caldas de Vasconcellos

Capítulo 8: 12

Cláudia Amorim

Capítulo 9: 4, 5, 6

Caio Silva

Capítulo 9: 7

Nayanna Nobre

Capítulo 10: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

Adaptado de MELLART, J, Catal Hüyük: A Neolithic Town In Anatolia. New York: McGraw-Hill Book Company, 1967, p. 59, 62 e 127. **Capítulo 1: 1**

Adaptado de Claus Roloff in SMITH, M. Gordon Childe and the Urban Revolution: a historical perspective on a revolution in urban studies. TPR, 80 (1), 2009, p. 9. Disponível em: < <https://www.public.asu.edu/~mesmith9/1-CompleteSet/MES->

[-09-Childe-TPR.pdf](#)>. Acesso em: 21 jan. 2022. **Capítulo 1: 2**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; NACHBIN, Leopoldo; RIBEIRO, Darcy; TEIXEIRA, Anísio. Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília, 1962, p. 22, p. 25 e p. 33. **Capítulo 1: 16, 19**

CABRAL, Renata Campello. Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife. Recife: Editora da UFPE, 2006, p. 32. **Capítulo 3: 1**

ROMERO, Marta Adriana Bustos; CLÍMACO, Rosana; ANDRADE. Liza (coord). Avaliação ambiental integrada do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília. Relatório. **Capítulo 9: 1, 8**

QUEIROZ, Claudio J. P. V. Instituto Central de Ciências: Plano de Conclusão e Sistematização de Usos. Brasília. Universidade de Brasília, Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Centro de Planejamento - CEPPLAN. Brasília, 1990. **Capítulo 9: 3**

MODELAGEM TRIDIMENSIONAL:

Elcio Gomes, Juliano Vasconcellos, José Manoel Sánchez
Capítulo 8: 6, 8, 9, 10, 11

SIMULAÇÃO COMPUTACIONAL:

Programa Sol-Ar
Capítulo 9: 2a, 2b, 4, 5

Projeto, Ensino e Espaço Universitário: o Instituto Central de Ciências (ICC-UnB) e outras arquiteturas

CURRICULUM RESUMIDO DOS ORGANIZADORES:

Luciana Saboia Fonseca Cruz

Professor Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PPGFAU - UnB) e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2019. Foi vice-diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2015-2019) e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (2019-2021). Atua como pesquisadora visitante no laboratório Office for Urbanization da GSD Harvard, EUA, pesquisadora associada ao LOCI, UCLouvain, Louvain-la-Neuve, Bélgica; ao Laboratoire Infrastructure, Architecture, Territoire - LIAT, ENSA Paris-Malaquais, França. Pesquisa e publica sobre a relação entre paisagem, apropriação social e teoria do projeto com enfoque nas questões sobre modernidade, urbanismo moderno e novas capitais.

Ana Elisabete de Almeida Medeiros

Arquiteta e Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília, SOL/UnB (2002) incluindo um período de estágio no Center of Latin American Studies da University of California Berkeley, CLAS/UC Berkeley (2001). Realizou estudos de pós-doutoramento no Laboratoire PACTE, IUG/IGEA - UPMF e foi pesquisadora visitante no Latin American Centre

da University of Oxford. Pesquisa e publica sobre a preservação do patrimônio cultural e suas interfaces com questões da arquitetura e urbanismo modernos, da teoria e ensino de projeto, tendo buscado aproximações recentes com os campos da ciência política e etnografia. Foi consultora da UNESCO no Escritório Nacional em Brasília, em 2009 e hoje coordena o Projeto de Pesquisa Arquiteturas Impressas, parte do Grupo de Pesquisa Documentação, Modelagem e Preservação do Patrimônio Cultural UnB/CNPq, vinculado ao LabEUrbe (PPG/FAU-UnB), Laboratório de Estudos da Urbe do qual foi fundadora e Coordenadora (2013-2015).

Paola Caliarì Ferrari Martins

Arquiteta e Professora do Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordena o Centro de Documentação Edgar Graeff, biblioteca setorial da FAU/UnB (2015). É membro do grupo de pesquisa Topos - Paisagem, Projeto, Planejamento (UnB/CNPQ), e participa da pesquisa Projeto e Representação e Estudos sobre o Projeto de Edificação: ontologia, método e experiência, coordenado pelo prof. dr. Jaime Gonçalves de Almeida. Pesquisa questões relacionadas à concepção e desenvolvimento do projeto de arquitetura, especialmente na temática campus universitário, com interesse na articulação entre o processo de ensino-aprendizagem e o espaço arquitetônico. Está com a tese em elaboração intitulada: “Campus universitário e megaestrutura: o Instituto Central de Ciências e a impermanência da universidade”.

CURRICULUM RESUMIDO DOS AUTORES:

Matheus Gorovitz

Professor titular do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1963), possui mestrado (1989) e doutorado (1996) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; estagio de pós doutorado na Universidade Paris I Sorbonne (2000). Publicou: Brasília, uma questão de escala, Os riscos do projeto e A invenção da Superquadra. Participa do Grupo de

Pesquisa Projeto e Estética sediado na FAU UnB com interesse nas áreas de Projeto e História da Arte e da Arquitetura.

Maria Cláudia Candeia de Souza

Doutora em Arquitetura e Regeneração Urbana pela Universidade de Tóquio. É professora no Departamento de Projeto, Expressão e Representação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB). Coordena do grupo de pesquisa “Geometria Construtiva: possibilidades na arte e na arquitetura” (FAU-UnB) e atualmente desenvolve pesquisa sobre arte e arquitetura japonesa contemporânea no Núcleo de Estudos Asiáticos da Universidade de Brasília (NEASIA-UnB).

Guilherme Carlos Lassance dos Santos Abreu

Professor titular e diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB-UFRJ) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2016. Arquiteto pela Ecole d'Architecture de Toulouse (1992), é doutor em Ciências da Arquitetura pela Universidade de Nantes (1998) com atuação na Universidade de Columbia em Nova York, e outras instituições como ENSA Marseille, ENSA Paris-Malaquais e Université Paris-Est na França. É diretor do UrCA (Urbanismo, Crítica e Arquitetura) - um grupo de pesquisa que se dedica ao estudo de abordagens alternativas para a cidade contemporânea, com foco especial na urbanização periférica do Sul Global.

Fernando Diniz Moreira

Doutor em Arquitetura pela University of Pennsylvania (2004). É professor titular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi professor visitante na Fu Jen Catholic University, Taiwan (2019), Universidade Técnica de Lisboa (2011) e na University of Pennsylvania (2003-2004), ICCROM Fellow (2008) e Samuel H. Kress Foundation scholar (2003-2004). Bolsista produtividade do CNPQ, coordena o projeto de pesquisa Lugar e Tectônica na Arquitetura Contemporânea com inúmeras publicações no Brasil e exterior. Sua área de interesse reside em teoria e história da arquitetura, história do urbanismo e conservação com experiência profissional em conservação urbana e arquitetônica, tendo participado das equipes dos planos diretores e planos urbanísticos.

Sérgio Moacir Marques

Doutor em Arquitetura Moderna Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor Associado da FA/UFRGS e líder do grupo de pesquisa O ENSINO E A PESQUISA DO PROJETO_A Produção da Arquitetura Moderna e Contemporânea, CNPq/PROPAR. Foi sócio do MooMAA - Moojen & Marques Arquitetos Associados (1987/2019) com projetos premiados e publicados no Brasil e exterior, atua na área de projetos de arquitetura, urbanismo e comunicação visual. Temas de interesse: Ensino do Projeto de Arquitetura e Urbanismo, Arquitetura Moderna, Arquitetura Contemporânea, Arquitetura Latino-Americana.

Carlos Alberto Batista Maciel

Arquiteto, Doutor em teoria e prática de projeto, professor adjunto da Escola de Arquitetura da UFMG, sócio do escritório Arquitetos Associados. Foi diretor e coordenador geral de projetos do Departamento de Planejamento Físico e Projetos da UFMG entre 2010 e 2013. É fundador do escritório Arquitetos Associados, estúdio colaborativo com prática arquitetônica extensa e reconhecida. Estuda as inserções fortemente influenciadas pela paisagem e suas pré-existências.

Andrey Rosenthal Schlee

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999) e professor Titular da Universidade de Brasília. Foi Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do IPHAN. Dedicou-se à preservação do patrimônio cultural, arquitetura brasileira, arquitetura no Rio Grande do Sul e arquitetura e urbanismo em Brasília, como também às questões relacionadas com a melhoria do Ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Cláudio Oliveira Arantes

Arquiteto e urbanista formado na Universidade de Brasília, atua no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) da Universidade de Brasília desde 2003.

Elcio Gomes da Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Arquiteto da MGSAR Arquitetos Associados, Analista Legislativo na função

de arquiteto da Câmara dos Deputados e Pesquisador Colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. É autor do livro “Os palácios originais de Brasília” (2014). Está vinculado ao projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” integrante do programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Juliano Caldas de Vasconcellos

Doutorando em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando no Departamento de Arquitetura. Integra o projeto de pesquisa “Forma e função estrutural na arquitetura de Brasília” vinculado ao programa de pós-graduação da FAU/UnB.

José Manoel Morales Sánchez

Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade de Brasília (1979), mestrado em Estruturas - COPPE/UFRJ - Programa de Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986) e doutorado em Estruturas e Construção Civil pela Universidade de Brasília (2003). Foi diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB. Atualmente é professor associado e do docente permanente do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo com atuação em temas de pesquisa e ensino de arquitetura e engenharia civil.

Cláudia Naves David Amorim

Arquiteta, Doutora em Tecnologias Energéticas e Ambientais na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, com tese desenvolvida no Politecnico di Milano (Italia) e Bavarian Centre for Applied Energy Research -ZAE Bayern - Wuerzburg (Alemanha). Professora Associada da Universidade de Brasília (UnB), atual coordenadora do Laboratório de Controle Ambiental (LACAM). com ênfase em sustentabilidade e qualidade ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Iluminação natural, conforto ambiental, eficiência energética, projeto de arquitetura, reabilitação de edifícios e simulação computacional. É a atual Diretora de Pesquisa do Decanato de Pesquisa e Inovação da Universidade de Brasília.

Caio Frederico e Silva

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, atualmente é professor associado vinculado ao Departamento de Tecnologia da FAU-UnB desde 2011. Desenvolveu pesquisas na Universidade Nova de Lisboa (UNL, 2016) e na Universidade de Harvard sobre questões de sustentabilidade, eficiência energética e conforto térmico. É pesquisador do Laboratório de Sustentabilidade Aplicada à Arquitetura e ao Urbanismo - LaSUS/UnB e do Laboratório de Controle Ambiental - Lacam/UnB. Hoje é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Guilherme Oliveira Sales

Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. É pós-graduando no curso Reabilita - Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística e integra o grupo de pesquisa “Simulação Computacional do Ambiente Construído” (SiCAC), ambos registrados no programa de pós-graduação da FAU/UnB.

Reinaldo Guedes Machado

Professor da Universidade de Brasília, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2003) sobre o barroco brasileiro com a tese intitulada “O Púlpito luso-brasileiro”. Arquiteto e Artista plástico atua nas áreas História da Arte e da Arquitetura com ênfase no Desenho e Plástica.

Frederico Flósculo Pinheiro Barreto

Arquiteto, Doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), atualmente Professor do Departamento de Projeto e Expressão desde 1992. Foi vencedor do Concurso Nacional de Idéias e Estudos Preliminares de Arquitetura e Urbanismo para a Revitalização da Avenida W-3 em Brasília. Com ampla experiência profissional em arquitetura hospitalar e planejamento urbano atua especialmente nas áreas de projeto em arquitetura e urbanismo. É pesquisador do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília.

A Editora UnB é filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em Minion Pro e Bebas Neue Pro.

Este livro chegou em boa hora, e tem como foco um objeto extraordinário: o Instituto Central de Ciências (ICC), edifício estruturador do campus da Universidade de Brasília (UnB), projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe. Em abril de 2022, a UnB comemorou 60 anos de existência (1962-2022). O ICC faz parte da história da universidade pública brasileira e foi resultado de uma experiência inovadora de organização universitária aliada ao processo de planejamento espacial e inovação tecnológica construtiva – a pré-fabricação de uma megaestrutura. A proposição foi elaborada por um grupo de educadores, intelectuais e profissionais – arquitetos e engenheiros, principalmente – liderados por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. No livro, o ICC é abordado por diferentes enfoques. Mas chama a atenção o subtítulo discreto de sua capa: “e outras arquiteturas”. Refere-se a uma seção de artigos dedicados a outras universidades nacionais: UFRJ, no Rio de Janeiro; UFPE, em Recife; UFRGS, em Porto Alegre; e UFMG, em Belo Horizonte. Depreende-se da leitura dessa seção fatos intrigantes, por exemplo, a interrupção e posterior abandono de duas experiências de organização institucional universitária: a do campus da UnB e da UFMG. Entretanto, os articulistas não levam em conta as forças nem os atores envolvidos na questão. Porém, a luta atávica pelo poder das corporações da universidade é inquestionável. Temos como consequência a pulverização dos edifícios no campus. O leitor e a leitora encontrarão este e outros fatos acerca do ICC e das outras arquiteturas mencionadas ao longo da obra.

Jaime Gonçalves de Almeida

EDITORA



UnB